



## **A Paz Quilombola e a Produção de Saberes Tradicionais de Cuidados em Saúde<sup>1</sup>**

Maria Taires dos SANTOS<sup>2</sup>

Roberto dos Santos LACERDA<sup>3</sup>

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE

### **Resumo**

A produção intelectual da professora e historiadora Maria Beatriz Nascimento, nos leva a uma inquietação sobre as narrativas históricas construídas em torno da população negra brasileira. Foi através de estudos sobre o quilombo, que a autora dedicou-se a entender a relação de continuidade histórica da população negra no Brasil, entendendo o quilombo não como um simples e pontual movimento reativo que existiu e acabou após o período da abolição, mas como uma condição social que tinha economia própria e relações próprias e que se perpetuou até os dias atuais. A autora denomina de “paz quilombola” o período a qual os quilombos empreendem, constroem e produzem relações sociais, e tenta estabelecer através disso a relação de continuidade destes. É a partir do conceito de “paz quilombola” que buscaremos estabelecer neste trabalho, o que há de continuidade entre o passado e o presente na construção de saberes tradicionais de cuidados em saúde, compreendendo que as relações de desenvolvimento social e econômico empreendidas no quilombo do período colonial, foram fundamentais para a construção de modos de vida que promovem saúde nas comunidades quilombolas hoje. É importante destacar que, este trabalho vai na contramão da maioria dos estudos que abordam a saúde da população quilombola, os quais dão ênfase a uma linha investigativa baseada na perspectiva dos riscos que esta população está exposta, apontando as suas vulnerabilidades, e deixando de lado muita das vezes o conjunto de potencialidades que esta população carrega.

**Palavras-chave:** Paz quilombola; Saberes Tradicionais; Cuidado em Saúde.

### **Introdução**

O conhecimento de um povo sobre a sua própria história e cultura, se constitui enquanto um importante e fundamental instrumento de sobrevivência e autonomia. A tentativa de rompimento com os laços culturais, que ocorreu e ainda ocorre com africanos em diáspora no Brasil, se configura como um estratégico instrumento de

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no GT 07 – ÁFRICA: Um continente em constantes transformações e seus reflexos na sociedade do III Seminário Nacional de Sociologia, realizado de forma remota de 08 a 16 de outubro de 2020.

<sup>2</sup>Mestranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Culturas Populares da UFS, e-mail: taires.stos@gmail.com.

<sup>3</sup> Professor do Departamento de Educação em Saúde e do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Culturas Populares. Doutor em Desenvolvimento e Meio Ambiente. E-mail: robertosl3@hotmail.com.



controle do território brasileiro.

Stuart Hall (2013, p. 263), nos diz que a “cultura popular é um dos locais onde a luta a favor ou contra a cultura dos poderosos é engajada; é também o prêmio a ser conquistado ou perdido nessa luta. É a arena do consentimento e da resistência”. Dessa forma, saber o papel estratégico que a cultura popular possui dentro da nossa sociedade é fundamental para iniciarmos algumas reflexões neste artigo.

Abordaremos no decorrer do texto algumas reflexões, que foram construídas a partir da pesquisa “Saberes Tradicionais de Cuidados em Saúde e o Empoderamento de Mulheres Quilombolas”, que se encontra até o presente momento em andamento. No trabalho supracitado, partimos da premissa que os saberes tradicionais de cuidados em saúde promovem o empoderamento de mulheres quilombolas.

Tentando entender melhor a construção desses saberes ao longo da história, este artigo busca estabelecer o que há de continuidade entre o passado e presente na produção de saberes tradicionais de cuidados em saúde, a partir do conceito de “paz quilombola”. Conceito cunhado pela intelectual Maria Beatriz Nascimento, uma das maiores especialistas em quilombos no Brasil.

### **Saberes Tradicionais de Cuidado em Saúde**

Os saberes tradicionais de cuidados em saúde, são conhecimentos vinculados a povos que possuem diferentes matrizes culturais, e cultivados a partir de seus pressupostos e concepções. No Brasil, a partir do ano de 2007, esses povos passaram a integrar a agenda institucional do governo federal, o qual criou através de decreto a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PCTs), e definiu-os como:

Grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (DECRETO 6040/2007).



Dentro desse enquadramento, as comunidades quilombolas são comunidades tradicionais marcadas pela conservação de princípios, saberes e práticas de matrizes afro-brasileiras (LACERDA, 2017). Entre os saberes, os de saúde são essenciais, estes ainda resistem mesmo em meio à hegemonia do paradigma biomédico, o qual obedece fortemente a lógica imposta pelo sistema econômico capitalista de produção.

Essa concepção de saber dialoga com o conceito ampliado de saúde, o qual leva em consideração as diferentes dimensões e experiências relacionadas à saúde que grupos ou pessoas vivenciam. Esse conceito, foi um dos mais importantes avanços propiciados pela 8ª Conferência Nacional de Saúde (CNS) em 1986, e ele entende a saúde como:

(...) resultante das condições de alimentação, habitação, educação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse da terra e acesso a serviços de saúde. É, assim, antes de tudo, o resultado das formas de organização social da produção, as quais podem gerar grandes desigualdades nos níveis de vida. A saúde não é um conceito abstrato. Define-se no contexto histórico de determinada sociedade e num dado momento de seu desenvolvimento, devendo ser conquistada pela população em suas lutas cotidianas (ANAIS DA 8ª CNS, 1986).

A construção das diversas políticas públicas voltadas à saúde da população negra é resultado de um esforço coletivo dos movimentos sociais, principalmente do movimento negro brasileiro. Nos últimos anos, podemos observar um aumento do número de produções acadêmicas que objetivam analisar as condições de saúde da população negra, visto que esta representa cerca de 80% dos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS). Essas análises são importantes pois servem de subsídio para o aperfeiçoamento das políticas públicas em saúde e consequentemente para o fortalecimento do SUS.

Com o intuito de também contribuir para o fortalecimento das políticas de saúde, é que este trabalho vai na contramão da maioria dos estudos que abordam a saúde da população quilombola, os quais dão ênfase a uma linha investigativa baseada na perspectiva dos riscos que esta população está exposta, apontando as suas vulnerabilidades, e deixando de lado muita das vezes o conjunto de



potencialidades que esta população carrega.

### **Uma historiadora transatlântica**

O que é a civilização africana e americana?  
É um grande transatlântico, ela não é uma civilização atlântica, ela é transatlântica.  
(Beatriz Nascimento)<sup>4</sup>

Maria Beatriz Nascimento, professora, historiadora, intelectual, ativista do Movimento Negro brasileiro. Nasceu em Aracaju, estado de Sergipe. Ainda quando criança migrou com a família para o estado do Rio de Janeiro, onde se instalou em Clodovil, bairro do subúrbio carioca. A sua produção intelectual, leva-nos a uma inquietação sobre as narrativas históricas construídas em torno da população negra brasileira.

A partir de seus estudos sobre o quilombo, a autora dedicou-se a entender a relação de continuidade histórica da população negra no Brasil. Para Nascimento (2018), o quilombo não é apenas um simples e pontual movimento reativo que existiu e acabou após o período da abolição, mas uma condição social que tinha economia e relações próprias e que se perpetuou até os dias atuais:

O quilombo é fundamentalmente uma condição social, ele não se esgota no militarismo, na guerra que foi feita em relação àquela que ele reagiu, mas a estrutura do quilombo, o que realmente singulariza o quilombo, é que ele é um agrupamento de negros, que o negro empreende, que aceita o índio dentro dessa estrutura e que não foi aceito nunca dentro da sociedade brasileira, como ainda não é aceito até agora. A aceitação da cultura negra, da cultura índia, como uma coisa brasileira, realmente, como uma coisa dominante, não é aceita (NASCIMENTO, 2018, p. 126).

Uma produção construída ao longo de 21 anos, desde a sua primeira publicação em 1974, à 1995, ano do seu brutal assassinato. Desde então, 25 anos se

---

<sup>4</sup> NASCIMENTO, Beatriz. Transcrição do documentário Orí. 1989. In: NASCIMENTO, Beatriz, 1942-1995. Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: Possibilidade nos dias da destruição. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018. p. 327.



passaram, e é necessário que cada vez mais façamos uma avaliação do que conseguimos ou não avançar em torno do debate racial no Brasil. Os dilemas acerca de como o racismo estrutural age em nossa sociedade.

É importante ressaltar a contribuição que a autora deu para a construção do feminismo negro brasileiro. Seu texto “A mulher negra no mercado de trabalho” publicado no Jornal Última Hora em 1976, é considerado pioneiro ao suscitar o debate de gênero com recorte racial para dentro do Movimento Negro. Ao final de sua vida, no mestrado, ela pretendia relacionar a história das mulheres negras aos quilombos.

Beatriz Nascimento não se considerava uma estudiosa de África, porém, ela foi ao continente em busca de respostas que pudessem ajudá-la a compreender o processo de formação dos quilombos, e consequentemente contar através de uma nova narrativa a história da população negra brasileira. Em uma conferência da Quinzena do Negro na Universidade de São Paulo, organizada pelo professor Eduardo de Oliveira e Oliveira, em 1977, Beatriz foi indagada pelo público sobre essa questão:

**Público:** Você acha que vamos encontrar aqui no Brasil, nas favelas, e na história do quilombo a história africana? Você não falou nada disso, tudo o que você falou foi sobre a história brasileira.

**Beatriz Nascimento:** Você é brasileira? Porque eu não sou africana. A gente tem que entender o seguinte: eu não sou especialista em África, estudo África historicamente para definir o problema do quilombo, como é que veio formar o grupo Palmares para cá, o que eles eram, porque que a palavra quilombo... (NASCIMENTO, 2018, p. 148, Grifo Nosso).

Em 1979, com intuito de desenvolver seus estudos, a autora viajou para Angola e caracterizou o quilombo enquanto uma instituição africana, de origem angolana, na história da pré-diáspora<sup>5</sup>. Além disso, estabeleceu uma relação de continuidade histórica dos quilombos, fazendo uma relação entre o quilombo colonial com os dias atuais:

O quilombo representa um instrumento vigoroso no processo de reconhecimento da identidade negra brasileira para uma maior auto

---

<sup>5</sup> NASCIMENTO, Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. 1985. In: NASCIMENTO, Beatriz, 1942-1995. Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: Possibilidade nos dias da destruição. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018. p. 273-294.



afirmação étnica e nacional. O fato de ter existido como brecha no sistema a que os negros estavam moralmente submetidos projeta a esperança de que instituições semelhantes possam atuar no presente ao lado de várias outras manifestações de reforço à identidade cultural (NASCIMENTO, 2018, p. 294).

A noção de quilombo dos dias atuais que é apresentada por Nascimento (2018), não é a mesma noção do que seria o quilombo do período colonial. O quilombo hoje funciona como um instrumento ideológico de autoestima e autoafirmação do que é ser negro no Brasil. É por isso que a história precisa ser reescrita, pois as fontes documentais disponíveis foram produzidas a partir de um único ponto de vista, dos opressores.

Os registros históricos em sua grande maioria, foram escritos pela polícia colonial. Esses registros se resumem especialmente aos momentos de conflito aos quais a polícia tinha com os guerreiros dos quilombos. Levando a construção de uma narrativa histórica que reduz negros e negras brasileiras apenas ao episódio da escravidão.

É importante destacar que, os momentos de conflito e de guerra - a partir do que a autora propõe -, eram impulsionados devido ao processo organizativo que os quilombos tinham na época. Essa organização era o que ameaçava - não no sentido de uma tomada daquela estrutura de poder colonial em específico -, mas no sentido da possibilidade de construção de uma nova sociedade, que existia paralelamente, e poderia despertar a consciência das pessoas, levando-as a questionar o modo de vida que o sistema colonial impunha na época.

É diante disso, que o quilombo se constituía enquanto uma alternativa aos modos de vida estabelecidos. Nos momentos de crise econômica, essa organização tornava-se muito mais ameaçadora, pois poderia levar as pessoas a refletirem que aquele tipo de organização de sociedade imposto estava fadado ao fracasso, e que existia alternativa de vida a partir de uma outra construção social.

O processo organizativo dos quilombos para além do conflito, foi o que chamou a atenção de Beatriz Nascimento em seus estudos. Assim como a autora, fomos



cativados por essa outra perspectiva, que nos dá possibilidade de construir uma narrativa positiva sobre as questões relacionadas aos africanos em diáspora.

### **A Paz Quilombola**

Existe um vício de interpretação da literatura especializada, na qual o quilombo é apresentado a partir das rebeliões e insurreições, ou mesmo pela sua repressão. É a partir dessa reflexão, que Beatriz Nascimento se interessa por estudar a face do quilombo como núcleo organizado, que produz e empreende modos de vida (REIS, 2019). Vale ressaltar que:

Entre um ataque e outro da repressão oficial ele (Quilombo) se mantém, ora retroagindo, ora se reproduzindo. Este momento chamaremos de 'Paz Quilombola', pelo caráter produtivo que o Quilombo assume como núcleo de homens livres, embora passíveis de escravidão (NASCIMENTO, 2018, p.76).

A “paz quilombola” cunhado por Nascimento, nada mais é que o momento no qual o quilombo se mantém organizado, produzindo e desenvolvendo relações sociais dentro da própria comunidade, bem como, relações econômicas e sociais nas regiões vizinhas. Um momento sem conflito, um momento de paz:

Esta paz está justamente nos interstícios da organização quilombola e sobre ela requer-se um esforço de interpretação maior, pela qual se ultrapassa a visão do quilombo como a história dos ataques da repressão oficial contra uma outra organização, que talvez na paz ameaçasse muito mais o regime escravocrata do que na guerra (NASCIMENTO, 1976, p.76)

Com uma percepção fantástica em que alia a imensa competência enquanto historiadora e uma intuição pessoal afiada, Beatriz Nascimento aponta para o que se configura como um dos grandes vazios da historiografia sobre as populações africanas no Brasil, sem deixar de analisar os motivos para que essa lacuna se estabeleça (MANDINGO, 2020). Abordando também que:

(...) o Quilombo é um momento histórico brasileiro de longa duração e isto graças a esse espaço de tempo que chamamos de 'paz', embora muitas vezes ela não surja na literatura existente. Creio que se o escravo negro brasileiro tivesse podido deixar um relato escrito, com certeza, teríamos mais fontes da 'paz' quilombola do que de guerra (NASCIMENTO, 2018, p.76).





Finch III (2009, p. 42) aponta que “africanos escravizados nas Américas viviam em condições que lhes impossibilitava escrever e publicar grande número de obras. Aprender a ler e a escrever era um ato subversivo, proibido por lei”. Dessa forma, para compreender a herança da cultura africana no Brasil, é necessário enxergar a oralidade como um pilar de grande importância, visto que não tivemos como escrever a nossa própria história. Asante (2009) ao discorrer sobre a afrocentricidade<sup>6</sup>, nos diz que:

Nosso objetivo como intelectuais é fornecer ao mundo a análise mais válida e valiosa possível dos fenômenos africanos. Isso significa que devemos abandonar muitos elementos da pesquisa histórica, particularmente sua exagerada ênfase nos textos escritos, e introduzir novas maneiras de deslindar o significado da vida dos africanos (p. 106).

É nos momentos de “paz quilombola”, que supostamente desenvolviam-se relações as quais possibilitaram a construção de outros modos de vida:

O momento de paz corresponde, basicamente, ao desenvolvimento social e econômico dos Quilombos. Períodos em que se desenvolveram a agricultura, a pecuária, a fabricação de instrumentos de trabalho e de armas para a defesa. Nestes períodos, os Quilombos chegaram a estabelecer relações econômicas dentro do sistema, alugando suas pastagens para o gado de pequenos proprietários, comerciando seus produtos com os habitantes das vizinhanças. Por isso, a repressão que sofreram não se explica, ou não se esgota, no fato de que os negros rebelados prejudicavam a sociedade colonial diminuindo seu potencial de mão de obra. A sociedade os reprimiu mais duramente em momentos de crise econômica, quando os quilombos vitoriosos chegaram a representar uma ameaça, como seus concorrentes dentro do próprio sistema (NASCIMENTO, 2018, p. 100).

Provavelmente, os momentos de paz colaboraram para que os povos africanos em diáspora, pudessem viver de uma maneira o mais próxima possível, aos modos de vida que eles tinham em suas organizações tribais no seu continente de origem. A paz quilombola proporcionou a manutenção e conexão com a nossa ancestralidade.

Dentro desse aspecto, temos nos debruçado a entender melhor o que

---

<sup>6</sup> Afrocentricidade é um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômenos atuando sobre sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos (ASANTE, 2009).





Nascimento chama de paz quilombola com os saberes tradicionais de cuidado em saúde. A hipótese levantada, é que esses saberes, que foram passados através da história oral de geração em geração, foram cultuados a partir desses momentos de paz.

O conceito e a perspectiva trabalhada por Beatriz Nascimento, dialoga com a proposta geral do trabalho em execução. Uma analogia que podemos fazer entre os momentos de opressão no quilombo do período colonial, com o quilombo dos dias atuais, se configura na presença de conflitos socioambientais nos territórios.

Beatriz Nascimento (1981) argumentava que a repressão aos quilombos não ocorria exclusivamente por questões relacionadas à mão de obra escrava, mas porque eles estavam em áreas de solo muito fértil (BATISTA, 2016). O que não difere muito da realidade enfrentada hoje, muitos dos conflitos são gerados em consequência ao processo de desenvolvimento nada sustentável, que é fruto do processo de globalização desenfreada no mundo. Os visados territórios dos invisíveis<sup>7</sup>, sob o olhar do sistema capitalista tem apenas significado do ponto de vista econômico, que objetiva explorar as riquezas naturais a serviço de um projeto econômico que cada vez mais aprofunda a desigualdade social:

As comunidades e povos tradicionais estão na contramão desse desenvolvimento. Suas relações extrativistas e de usufruto estão estruturadas e inseridas nas teleconexões continente-oceano-atmosfera-hidrosfera-biosfera, que fundamentam ancestralidades e vínculos interdependentes com a conservação dos biomas e ecossistemas. Os danos provocados por mercantilização e consumo dos recursos ambientais, base do conflito com o agro e hidronegócio, degradação dos bosques ribeirinhos e dos manguezais são evidenciados como indutores de injustiças ambientais, riscos à saúde coletiva e insegurança alimentar (MEIRELES & LEROY, 2013, p. 117).

Em uma rápida busca utilizando como descritor saúde da população quilombola na base de dados Scielo, encontramos estudos como o de Freitas et al. (2011) “Saúde

---

<sup>7</sup> MEIRELES, Jeovah; LEROY, Jean Pierre. Povos indígenas e comunidades tradicionais: os visados territórios dos invisíveis. In. Porto, Marcelo Firpo; Pacheco, Tania; Leroy, Jean Pierre. Injustiça ambiental e saúde no Brasil: o mapa de conflitos. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2013. p.115-131.



e *Comunidades Quilombolas: Uma Revisão da Literatura*"; Gomes et al. (2013) *"Utilização de serviços de saúde por população quilombola do Sudoeste da Bahia, Brasil"*; Vieira & Monteiro (2013) *"Comunidade quilombola: análise do problema persistente do acesso à saúde, sob o enfoque da Bioética de Intervenção"*; Almeida et al. (2019) *"Reflexão sobre o controle do acesso de quilombolas à saúde pública brasileira"*; e Oliveira et al. (2015) *"Autopercepção de saúde em quilombolas do norte de Minas Gerais, Brasil"*.

Estudos construídos a partir de metodologias e abrangências diferentes, mas que se assemelham na linha investigativa adotada, a qual se baseia na perspectiva dos riscos aos quais a população quilombola está exposta, apontando dessa forma as suas vulnerabilidades, e deixando de lado muita das vezes o conjunto de potencialidades que esta população carrega. Não se pode negar as condições de vulnerabilidade que a população negra em geral, e sobretudo a quilombola, está exposta, mas também não podemos enxergar esses povos apenas de um ponto de vista negativo.

Soa até racista, trabalharmos as questões referentes aos africanos em diáspora o tempo inteiro apenas pelo viés das vulnerabilidades. Isso é reflexo de uma ação orquestrada do pensamento intelectual do ocidente, o qual Asante (2009) aponta que:

As referências à África e aos africanos na educação ocidental - com exceção de um número limitado de pensadores progressistas - reduziram os africanos à condição de seres indefesos, inferiores, não-humanos, de segunda classe, como se não fizessem parte da história humana e fossem, em algumas situações, selvagens (p. 99).

Acredita-se que trazer uma diferente perspectiva, possa ajudar no processo de construção de uma autoestima coletiva não somente dos povos que residem naquelas comunidades, mas para a comunidade negra em geral.

### **O saber, o cuidado, a saúde e a paz**

E não tinha esse negócio de dizer que a gente só vivia no médico, a gente



não ia para médico, nossos médicos eram as parteiras e os rezadores que faziam isso, e tudo que eles faziam nós aprendemos um pouco. (Dona Josefa)<sup>8</sup>

Ao analisarmos a experiência afro-brasileira, fortemente marcada pela crueldade da violência do período escravocrata e da exclusão e racismo pós esse período, compreendemos que o cuidado, para a população negra, transcendeu a dimensão existencial e ontológica, configurando-se elemento de sobrevivência física, territorial, religiosa e cultural (LACERDA, 2017).

Nas comunidades quilombolas a visão expressada sobre saúde, parte de uma diferente cosmovisão, baseada em princípios civilizatórios afro-brasileiros:

Os princípios da circularidade, oralidade, ludicidade e musicalidade presentes nas danças de roda e samba de coco, fundamentam um conjunto de aspectos culturais, entre eles os saberes e práticas de cuidado em saúde e ao ambiente que são socializados e transmitidos de geração a geração mantendo o elo e continuidade dessas relações (LACERDA, 2017, p. 179).

Na comunidade quilombola Sítio Alto, localizada no município de Simão Dias em Sergipe, através do canto e da dança o povo da comunidade tem buscado definir sua identidade, sua territorialidade, reconstruindo de forma simbólica valores do passado para a geração atual, com o intuito de expandir as suas tradições (SILVA, 2017).

Dona Josefa, importante figura da comunidade, é mestra da cultura popular, guardiã de sementes crioulas, e uma das principais responsáveis pela manutenção da tradição popular na comunidade do Sítio Alto. É através da dança de roda que ela nos apresenta um novo conceito de saúde. Ela reforça que não havia remédios comprados na comunidade, que eles cantavam e espantavam as doenças. Ninguém sofria de pressão, nem de depressão, nem de diabetes, as doenças se acabavam com as pisadas que eram dadas no chão, cantando e dançando (Ibid.). A seguir, um dos

---

<sup>8</sup> LACERDA, R. S. Territorialidade, Saúde e Meio Ambiente: Conexões, Saberes e Práticas em Comunidades Quilombolas de Sergipe. 2017. Tese (Doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal de Sergipe, 2017.



cantos mais entoados na Dança de roda:

Praiana chora, chora praiana,  
Oh! Praiana chora aêêê  
Chora praiano, chora praiano,  
Meu amor tanto bem  
Que eu te queria  
E foi-se e embora e me deixou<sup>9</sup>

O Sítio Alto tem, na dança de roda, um movimento de ressignificação de seu passado, que permanece vivo sobretudo devido aos momentos de ‘paz’. Através da dança, os moradores de Sítio Alto transmitem suas histórias e memórias de outros tempos, passando de geração a geração seus saberes, sejam eles medicinais ou as práticas cotidianas, como a cantoria, a plantação, o namoro, a criação (SILVA, 2017). É na roda que tudo se resolve, através de versos, proferidos no intuito de diminuir a tristeza, de externar alegrias, de resolver conflitos entre os moradores, essa é a forma de bem viver encontrada pelos membros da comunidade.

Essa construção coletiva tem ganhado outras proporções. Dona Josefa, referendada pela sua comunidade, colocou o seu nome à disposição para a disputa de uma cadeira do legislativo no pleito eleitoral de 2020 em seu município. A sua figura enquanto liderança empoderada, constituída através da coletividade da sua comunidade, não se restringe apenas ao Sítio Alto. Ao ser projetada, ela transcende, e leva esse poder adquirido através dos saberes tradicionais, para outras esferas institucionais. Saberes estes que foram cultivados provavelmente no espaço tempo chamado de “paz quilombola”.

### **Considerações Finais**

O processo de invisibilidade nas produções acadêmicas se constitui como um dos maiores dilemas que a intelectualidade negra brasileira sofre. Beatriz Nascimento

---

<sup>9</sup> SILVA, D. S. Sítio Alto: entre dança, história e etnicidade. 2017. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Sergipe, 2017.



deu importante contribuição para a História do Brasil através da sua produção intelectual e militância, mas ainda assim, permanece desconhecida, sobretudo nos espaços acadêmicos. As obras da historiadora ajudam-nos a construir uma posição de protagonismo da nossa própria história, e a sua reinterpretação sobre Quilombo, contribui para autoafirmação e auto reconhecimento do que é ser negro na sociedade brasileira.

A paz quilombola introduzido pela autora, sintetiza a luta e resistência contra o sistema escravocrata, e ao mesmo tempo a luta e resistência humana africana, que não permitiu e não aceitou o lugar objetificado e de segundo plano ao qual os corpos negros foram submetidos. Era na paz entre os nossos, que se construía e empreendia os modos de vida, os saberes, os cuidados, era esse o momento que provavelmente dava a vida um sentido de existência.

Dessa forma, cuidar da saúde tinha propósito, que não era apenas o estar preparado para a guerra, mas significava a possibilidade de construir dias melhores, pensando nos seus próprios descendentes, que seriam os responsáveis por manter a existência daqueles povos, daquela cultura. É o que podemos notar, ao ver a Dança de Roda hoje na comunidade do Sítio Alto, há uma relação entre passado e presente, que se estabeleceu enquanto possibilidade de construir uma alternativa de sociedade. Essa é a potência dos saberes tradicionais de cuidados em saúde, uma articulação em nome do bem viver.

Hoje nos resta o desafio de evidenciar as experiências que os nossos ancestrais tiveram, a partir de uma perspectiva de mundo africana, entendendo-a como válida, visto que durante todo esse tempo, o método universalista europeu confabulou para que essas experiências não tivessem grau de importância.

Isso exigirá de nós a audácia e competência para construirmos metodologias específicas, as quais possam corresponder uma nova prática de pesquisa que esteja à altura daqueles e daquelas que construíram a possibilidade de estarmos dentro desse espaço de poder, que é a universidade hoje.



*Axé muntu!*<sup>10</sup>

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, *et al.* **Reflexão sobre o controle do acesso de quilombolas à saúde pública brasileira.** Av Enfermagem, v. 37, n. 1, p. 92-103, 2019.

ASANTE, Molefi Kete. **Afrocentricidade:** notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org). Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, p. 93-110, 2009.

BATISTA, W. V. **Palavras sobre uma historiadora transatlântica:** estudo da trajetória intelectual de Maria Beatriz Nascimento. 2016. Tese (Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

BRASIL, **Ministério da Saúde.** 8ª Conferência Nacional de Saúde. In: Anais da 8ª Conferência Nacional de Saúde. Brasília: MS, 1986. Disponível em: <[http://www.ccs.saude.gov.br/cns/pdfs/8conferencia/8conf\\_nac\\_anais.pdf](http://www.ccs.saude.gov.br/cns/pdfs/8conferencia/8conf_nac_anais.pdf)>. Acesso em: novembro de 2020.

BRASIL. **Decreto Federal no 6.040, de 7 de fevereiro de 2007.** Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 8 ago. 2007, p. 316. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5051.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Decreto/D5051.htm)>. Acesso em: novembro de 2020.

FINCH III, Charles S; NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Abordagem afrocentrada, história e evolução.** In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org). Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, p. 37-69, 2009.

FREITAS, D. A. *et al.* **Saúde e Comunidades Quilombolas:** Uma Revisão da Literatura. Revista CEFAC. v. 13, n. 5, p. 937-943, set-out, 2011.

GOMES, K. O. *et al.* **Utilização de serviços de saúde por população quilombola do Sudoeste da Bahia, Brasil.** Caderno de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 29, n. 9, p. 1829-1842, set, 2013.

HALL, S. **Da diáspora. Identidades e mediações culturais.** Capítulo 3. Belo Horizonte: Humanitas, 2013.

LACERDA, R. S. **Territorialidade, Saúde e Meio Ambiente:** Conexões, Saberes e Práticas em Comunidades Quilombolas de Sergipe. 2017. Tese (Doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal de Sergipe, 2017.

MANDINGO, Fábio. **A Paz Quilombola e o Quilombismo Reflexões no Século XXI.** Yanda

---

<sup>10</sup> *Muntu* é a palavra banta para axé, gente, força vital.



Pan Afrikanu, n.2-1, jul, 2020.

MEIRELES, Jeovah; LEROY, Jean Pierre. **Povos indígenas e comunidades tradicionais: os visados territórios dos invisíveis.** In. Porto, Marcelo Firpo; Pacheco, Tania; Leroy, Jean Pierre. Injustiça ambiental e saúde no Brasil: o mapa de conflitos. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2013. p.115-131.

NASCIMENTO, Beatriz, 1942-1995. **Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: Possibilidade nos dias da destruição.** Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.

OLIVEIRA, S. K. M. *et al.* **Autopercepção de saúde em quilombolas do norte de Minas Gerais, Brasil.** Revista Ciência e Saúde Coletiva, v. 20, n. 9, Set, 2015.

REIS, J. C.; UHLE, A. R. **Historiografia e quilombo na obra de Beatriz Nascimento.** UNILA - Universidade Federal da Integração Latino-Americana, 2019.

SILVA, D. S. **Sítio Alto: entre dança, história e etnicidade.** 2017. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Sergipe, 2017.

VIEIRA, A. B. D.; MONTEIRO, P. S. **Comunidade quilombola: análise do problema persistente do acesso à saúde, sob o enfoque da Bioética de Intervenção.** Saúde em Debate, Rio de Janeiro, v. 37, n. 99, p. 610-618, out/dez, 2013.